

UM DIA EM CRESCENT BAY

I

Manhã cedinho. O sol não se levantara ainda e uma bruma marinha cobria de branco toda a enseada de Crescent Bay, delindo as longínquas colinas forradas de espessas matas. Não se distinguia onde elas terminavam e começavam os *bungalows* com os seus relvados. O caminho de areia desaparecera e, com ele, os *bungalows* e os relvados que lhe ficavam atrás. Das dunas brancas e das ervas rubras que as cobriam, nem sinal — e nada se via que indicasse onde acabava a praia e começava o mar. Um pesado orvalho tinha descido sobre a terra, a erva estava azulada. Grandes gotas de água pendiam dos arbustos, ameaçando cair. Os toi-toi prateados e fofos pendiam murchos e cansados das longas hastes e os cravos e os malmequeres, nos jardins dos *bungalows*, vergavam-se ao peso da humidade. As frias fúcias estavam completamente ensopadas e pérolas redondas de orvalho pousavam nas folhas largas dos nastúrcios. Parecia que o mar tinha avançado mansamente na escuridão, que imensa onda viera vindo por ali acima a desdobrar-se, a desdobrar-se — até onde? Talvez quem tivesse acordado a meio da noite pudesse ter visto um grande peixe chicotear o corpo junto à janela e fugir depois para o mar...

Ah-aah! — murmurava o mar amodorrado. E das moitas vinha o som de breves riachos que corriam, leves e rápidos, deslizando por entre rochas polidas, internando-se em poças cheias de fetos e delas jorrando de novo; e ouvia-

-se o ruído das gotas caindo e desfazendo-se sobre as folhas e também — que seria esse barulho? — um como desmaiado tremor, o estalar de um rebento, seguido de tal silêncio, que dir-se-ia estar alguém à escuta.

Lá ao longe, na curva da enseada, por entre as massas de rochas fendidas, um rebanho de ovelhas aparece, rumorejando. Encostadas umas às outras, numa pequena e confusa massa de lã, trotavam em cima de pernitais finas como lápis, tão rápidas que parecia terem medo do frio e do silêncio. Atrás delas, seguia um velho cão pastor, as patas ensooadas cobertas de areia; o cão vagueava por ali, o focinho rente ao chão, mas distraidamente, como se estivesse a pensar noutra coisa. E, subitamente, o próprio pastor surgiu na passagem rochosa. Era um velho magro e escorreito, com um capote coberto de uma trama de finas gotas, com umas calças de veludo presas logo abaixo do joelho e um chapéu de aba larga, com um lenço azul atado na aba. Tinha uma mão entalada no cinturão e com a outra segurava firmemente um cajado amarelo finamente polido. Caminhava sem pressas e para ajudar ao caminho vinha assobiando, um assobio leve e suave, uma música de flauta etérea e longínqua, melancólica e terna. O velho cão deu uma ou duas cabriolas, num assomo de juventude perdida, e depois endireitou-se bruscamente, envergonhado da leviandade, e deu uns passos cheios de dignidade ao lado do dono. As ovelhas corriam em arranques efémeros; começaram a balir e um rebanho fantasma respondeu-lhes dos lados do mar: «Mé! Méee!» Por uns momentos parecia que não saíam do sítio. À sua frente estendia-se o mesmo caminho de areia com as mesmas poças pouco profundas e de cada lado apareciam sempre os mesmos arbustos ensopados e as mesmas escuras paliçadas. Mas, de repente, surgiu uma imensa presença, um enorme gigante desgrenhado de braços estendidos. Era o eucalipto plantado à porta da loja de Mrs. Stubbs e, quando passaram por ele, sentiu-se no ar uma grande baforada de cheiro acre. E, logo depois, breves manchas de luz começavam a reluzir na neblina. O assobio do pastor calou-se e o velho esfregou o nariz e a bar-

ba húmida com a manga molhada e, franzindo os olhos, lançou um olhar para o mar. O sol nascia. Como por encanto, a neblina desfazia-se rapidamente, dissipava-se, dissolvia-se na planície, enrolava-se pela colina acima, em grandes novelos velozes, e desaparecia como se tivesse pressa em fugir; grandes tranças e espirais de névoa entrechocavam-se e comprimiam-se umas contra as outras à medida que os raios prateados iam ganhando terreno. O céu longínquo — de um azul puro e brilhante — reflectia-se nas poças de água e as gotas corriam ao longo dos postes telegráficos, para rebrilharem a espaços como pontos de luz. O mar buliçoso e resplandecente estava agora tão brilhante que os olhos até doíam só de o fitarem. O pastor tirou do bolso do peito um cachimbo de fornilho pequeno como uma bolota, tacteou o capote à procura de um pouco de tabaco em pasta, raspou alguns pedaços e atacou o cachimbo. Era um velho grave e bem parecido. Quando acendeu o cachimbo e o fumo azulado lhe envolveu a cabeça, o cão olhou para ele, cheio de orgulho.

«Mé! Méee!» — as ovelhas espalharam-se em leque. Tinha acabado de ultrapassar a colónia de férias antes de o primeiro morador adormecido se ter remexido na cama e levantado a cabeça ensonada; os seus balidos foram visitar os sonos das crianças mais pequenas... que ergueram os braços para agarrarem e acariciarem os amorosos e fofos cordeirinhos dos sonhos. E, então, apareceu o primeiro habitante: Florrie, a gata dos Burnells, que, como habitualmente, se levantara demasiado cedo e viera sentar-se na cancela de entrada à espera da leiteira. Quando viu o velho cão, deu um salto brusco no ar, arqueou o dorso, encolheu a cabeça malhada e pareceu percorrida por um estremeção de enfado: «Agh! Que criaturinha mais grosseira e nojenta!» — disse Florrie. Mas o cão pastor, sem se dignar olhá-la, passou por ela, bamboleando-se e atirando as patas uma para cada lado. Só o espevitar de uma orelha indicava que vira a gatinha e que a achava uma fêmea demasiado nova e tola.

A brisa da manhã levantou-se nos arbustos e o cheiro das folhas e da terra negra e húmida veio misturar-se com

o do mar. Miríadas de pássaros cantavam. Um pintassilgo voou por sobre a cabeça do pastor e, fazendo poleiro do topo de uma árvore, voltou-se para o sol, enfunando as penas do peito. Neste momento, já o rebanho e o velho tinham ultrapassado a choupana do pescador e a pequena barraca chamuscada onde vivia a leiteira Leila com a avó. As ovelhas extraviaram-se junto a um pântano amarelado e Wag, o cão pastor, correu atrás delas, torneou-as e obrigou-as a voltar de novo à passagem íngreme e estreita por onde se saía de Crescent Bay em direcção a Daylight Cove. «Mé! Méee!» O balido ia-se esvaindo à medida que os animais deslizavam pelo caminho que secava rapidamente. O pastor pôs o cachimbo de parte, deixando-o cair no bolso com o forninho de fora. E imediatamente o assobio suave e etéreo recomeçou a ouvir-se. Wag desatou a correr ao longo de uma saliência rochosa à procura de algum cheiro, mas, pouco depois, voltava para trás, frustrado. E, empurrando-se, atropelando-se, correndo, as ovelhas dobraram a curva e o pastor seguiu-as, perdendo-se de vista.

II

Alguns momentos depois, a porta traseira de um dos *bungalows* abriu-se, surgindo uma figura em fato de banho às riscas que correu ao longo da cerca, saltou por cima dela pela escada, precipitou-se entre os tufos de erva para a clareira, voou por cima das dunas arenosas e passou como um raio por cima das grandes rochas porosas, por cima dos seixos frios e húmidos, por cima da areia dura, que brilhava como azeite. Splich! Splach! Splich! Splach! A água chapinhava-lhe em torno das pernas e Stanley Burnell pulava, radiante de alegria! Era o primeiro a chegar, como sempre! Tinha-os vencido a todos de novo! E mergulhou no mar para molhar a cabeça e o pescoço.

«Salve, irmão! Salve, ó Todo-Poderoso!» — ressoou por sobre as águas uma aveludada voz de baixo.

Raios! Diabos o levem! Stanley ergueu-se e viu uma cabeça negra agitando-se ao longe e um braço levantado. Era Jonathan Trout — tinha chegado antes dele! «Que manhã gloriosa!» — cantou a voz.

«Sim, muito bonita!» — retorquiu Stanley, lacónico. Por que raio o fulano não se limitava a ficar na parte de mar que lhe cabia? Por que haveria de vir chafurdar exactamente para ali? Stanley firmou os pés na areia, mergulhou na água e partiu a nadar o «over-arm stroke». Mas Jonathan era homem para ele e lá o alcançou, com o cabelo negro chapado na testa e a barba curta rebrilhando de molhada.

«Esta noite, tive um sonho fantástico!» — gritou.

Que queria o fulano? Esta mania da conversa mole irritava Stanley solenemente. Nunca variava! Era sempre qualquer patetice acerca de um sonho que tivera, ou sobre qualquer ideia amalucada que lhe ocorrera, ou qualquer porcaria que andasse a ler. Stanley virou-se de barriga para cima e bateu com os pés, tornando-se um autêntico remoinho vivo. Mas, nem mesmo assim... «Sonhei que estava agarrado a uma falésia terrivelmente alta, gritando para uma pessoa lá em baixo.» Estou mesmo a vê-lo! — pensou Stanley. Não conseguia já suportar aquilo. Parou de chapinhar na água. «Ouça cá, Trout» — disse — «estou com bastante pressa esta manhã.»

«Está quê?» — Jonathan ficou tão surpreendido — ou fingiu ter ficado — que se afundou na água, para reaparecer pouco depois a bufar.

«Quero eu dizer» — esclareceu Stanley — «que não posso perder tempo com... com brincadeiras. Tenho pouco tempo para tomar banho. Estou com muita pressa. É que tenho de ir trabalhar hoje de manhã — percebe?»

Jonathan tinha-se ido embora, ainda Stanley não acabara de falar. «Adeuzinho, amigo!» — disse a voz de baixo mansamente e o dono deslizou suavemente pela água, sem fazer uma onda... Mas, maldito seja! O fulano estragara o banho de Stanley. Que idiota mais falho de senso! Stanley lançou-se outra vez pelo mar fora, para logo depois voltar